

ÉCHOS POÉTIQUES
D'OUTRE-TOMBE

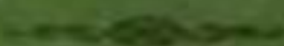
POÉSIES MÉDIANIMIQUES

—

PAR L. VAVASSEUR

PRÉCÉDÉES D'UNE ÉTUDE SUR LA POÉSIE MÉDIANIMIQUE

Par ALLAN KARDEC



PARIS

LIBRAIRIE CENTRALE, 24, BOULEVARD DES ITALIENS

19, boulevard de la Seine, 19, rue de la Harpe, 19, rue de la Harpe, 19

CHEZ L'AUTEUR, 3, RUE DE LA MAIRIE A PARIS-MONUMENTAL

1807

Imprimé à Paris

R
3/5
57

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

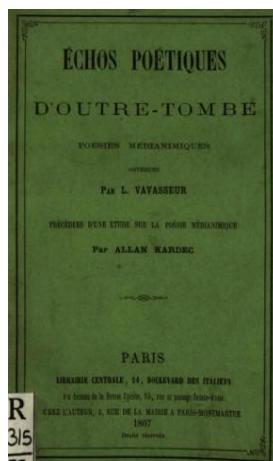
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



ECOS POÉTICOS DO ALÉM TÚMULO
 POESIAS MEDIÚNICAS OBTIDAS POR L. VAVASSEUR
 PRECEDIDAS DE UM ESTUDO SOBRE A POESIA MEDIÚNICA
 POR ALLAN KARDEC
 PARIS (1867)



L. VAVASSEUR - ÉCHOS POÉTIQUES D'OUTRE TOMBE
 POÉSIES MÉDIANIMIQUES OBTENUES PAR L. VAVASSEUR
 PRÉCÉDÉES D'UNE ÉTUDE SUR LA POÉSIE MÉDIANIMIQUE
 PAR ALLAN KARDEC
 LIBRAIRIE CENTRALE - BIBLIOTHÈQUE JÉSUI TE DES FONTAINES
 PARIS (1867)



Autores Espiritas Clássicos

AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS
www.autoresespiritaclassicos.com



COLETÂNEAS DE POESIAS DIVERSAS

OBTIDAS POR L. VAVASSEUR

REVISTA ESPÍRITA DO ANO DE 1866

PUBLICADAS

POR

ALLAN KARDEC

Data da publicação: 22 de outubro de 2014

REVISÃO: Irmãos W.

FONTES: Revista Espírita do ano de 1866

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil

ÍNDICE

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Notícias bibliográficas - Poesias diversas do mundo invisível Obtidas pelo Sr. L. Vavasseur | 05 |
| I - Poesia Espírita - MÉRY, O SONHADOR... .. | 08 |
| II - Poesia Espírita - A PRECE DA MORTE PARA OS MORTOS | 10 |
| III - Poesia Espírita - A PRECE PARA OS ESPÍRITOS..... | 13 |
| IV - Poesia Espírita - PARA O TEU LIVRO. | 15 |
| V - Poesia Espírita - LEMBRANÇA..... | 17 |

Notícias bibliográficas
Poesias Diversas do Mundo Invisível
Obtidas pelo Sr. Vavasseur

Já publicamos outros trechos de poesias obtidas por esse médium, nos números de junho e julho, sob os títulos de A teu livro e A prece pelos Espíritos. O Sr. Vavasseur é um médium versificador na acepção da palavra, porque só muito raramente obtém comunicações em prosa e, embora muito letrado e conhecedor das regras de poesia, de si mesmo jamais fez versos. Mas, dirão, o que sabeis a respeito e quem vos diz que aquilo que supondes obter mediunicamente não será produto de sua composição pessoal?

Nós o acreditamos, primeiro porque ele o afirma e porque o temos por incapaz de mentir; em segundo lugar porque a mediunidade, sendo nele completamente desinteressada, nenhuma razão teria de se dar a um esforço inútil e de representar uma comédia indigna de um caráter honrado. Sem dúvida a coisa seria mais evidente e, sobretudo, mais extraordinária se ele fosse completamente analfabeto, como se vê em certos médiuns, mas os conhecimentos que possui não infirmariam a sua faculdade, desde que demonstrada por outras provas.

Que expliquem por que, por exemplo, se ele quiser compor algo de si mesmo, um simples soneto, nada obtém, ao passo que, sem o buscar, e sem desígnio premeditado, escreve trechos de grande fôlego, de um jacto, mais rapidamente e mais correntemente do que se escreveria prosa, sobre um assunto improvisado, no qual não pensava? Qual o poeta capaz de semelhante proeza, que se repete quase diariamente?

Não poderíamos duvidá-lo, porque os trechos que citamos, e muitos outros, foram escritos sob os nossos olhos, na Sociedade e em diferentes grupos, em presença de uma assembléia muitas vezes numerosa. Que todos os malabaristas, que pretendem descobrir os pretensos cordéis dos médiuns, imitando mais ou menos grosseiramente alguns efeitos físicos, venham, então, disputar com certos médiuns escreventes e tratar, mesmo em simples prosa, instantaneamente, sem preparação

nem retoque, o primeiro assunto surgido e as mais abstratas questões! É uma prova a que nenhum detrator não quis ainda submeter-se.

A propósito, recordamo-nos de que, há seis ou sete anos, um escritor e jornalista, cujo nome por vezes figura na imprensa entre os zombadores do Espiritismo, veio nos procurar, dando-se por médium intuitivo e oferecendo seu concurso à Sociedade.

Dissemos-lhe que, antes de aceitar sua obsequiosa oferta, precisávamos conhecer a extensão e a natureza de sua faculdade; em consequência, nós o convocamos para uma sessão particular de ensaio, na qual se encontravam quatro ou cinco médiuns. Tão logo estes tomaram do lápis, começaram a escrever com tal rapidez que o deixou estupefato; rabiscou três ou quatro linhas com fortes rasuras, alegou dor de cabeça, o que perturbava a sua faculdade. Prometeu voltar e não o vimos mais. Ao que parece, os Espíritos só o assistem com a cabeça fresca e em seu gabinete.

É verdade que se viram improvisadores, como o finado Eugène de Pradel [Pierre-Marie-Michel-Eugène Coutray, visconde de Pradel], cativar os ouvintes pela sua naturalidade. Admiraram-se de que nada tivessem publicado.

A razão é muito simples: é que o que seduzia a audição não era suportável à leitura; não passava de um arranjo de palavras saídas de uma fonte abundante, onde brilhavam, excepcionalmente, alguns traços espirituosos, mas cujo conjunto era vazio de pensamentos sérios e profundos, e semeado de incorreções revoltantes. Não nos referimos à censura que se possa fazer aos versos, embora obtidos com quase tanta rapidez quanto os improvisos verbais. Se fossem fruto de um trabalho pessoal, seria uma singular humildade da parte do autor atribuir o mérito a outros, e não a si, privando-se da honra que daí poderia tirar.

Apesar de a mediunidade do Sr. Vavasseur ser recente, ele já possui uma coletânea bem importante de poesias de real valor, que pretende publicar. Apressar-nos-emos em anunciar essa obra tão logo apareça, pois não temos dúvida de que será lida com interesse.

Coletânea de poesias mediúnicas pelo Sr. Vavasseur; precedida de um

Estudo sobre a poesia mediúnica, pelo Sr. Allan Kardec. n 1 vol. In-12, preço: 1 fr. Pelo correio, para a França e Argélia, 1 fr. 20 c. – Paris, livraria central, 24, boulevard des Italiens; no escritório da Revista Espírita e com o autor, 3, rue de la Mairie, em Paris-Montmartre.

Allan Kardec - Revista Espírita de Agosto de 1866

Notícias bibliográficas

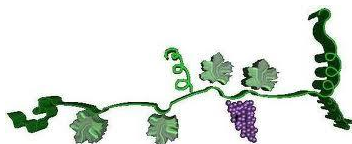
Poesias diversas do mundo invisível

Obtidas pelo Sr. L. Vavasseur

Esta coletânea, que anunciamos em nosso último número como no prelo, aparecerá na primeira quinzena de janeiro. Nossos leitores puderam julgar o gênero e o valor das poesias obtidas pelo Sr. Vavasseur, como médium, seja no estado de vigília, seja no estado sonambúlico espontâneo, pelos fragmentos que delas publicamos. Sr. Vavasseur é o médium poeta, que obtém com a maior facilidade as notáveis poesias das quais publicamos várias amostras.

Limitamo-nos, pois, a dizer que, ao mérito da versificação, elas juntam o de refletir, sob a graciosa forma poética, as consoladoras verdades da Doutrina, e que a este título elas terão um lugar honrado em toda biblioteca espírita. Acreditamos dever acrescentar-lhe uma introdução, ou melhor, uma instrução sobre a poesia medianímica em geral, destinada a respondera certas objeções da crítica sobre este gênero de produções.

Allan Kardec



I - Poesia Espírita

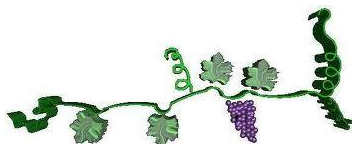
MÉRY, O SONHADOR

(Grupo do Sr. L..., 4 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

Recém-nascido sobre vossa margem
Vi uma mulher atenta
Dizer, espiando o meu despertar:
Não perturbeis seu doce sono,
Ele sonha; e eu nasci apenas!
Um pouco mais tarde, quando na planície
Eu desfolhava o trevo florido,
Dizia-se que Joseph Méry
Sonhava; e quando minha pobre mãe
Me sentava sobre a branca pedra
Que do riacho guardava a borda,
Ela também dizia: Sonha ainda,
Meu filho. Mais tarde, no colégio,
Por ódio ou por desprezo, que sei eu!
Todos os meus amigos fugiam para longe,
E me deixavam só, num canto.
Sonhar. E quando a louca embriaguez
Dos prazeres perturbava a minha juventude,
A multidão me mostrava ao dedo
Dizendo: É Méry que deve
Ainda dormir. E quando, mais sábio,
Quase a meio caminho da viagem,
Fui julgado como escritor,

Dizia-se de mim: É em vão
Que ele evoca a poesia
Em seus versos, é a fantasia
Que vem ao seu chamado. Méry,
O que quer que faça, será Méry.
E quando a última prece
Tiver abençoado a minha fria poeira,
Atento sob meu lençol,
Não ouvi senão uma palavra, uma só;
Sonhador! Pois bem! sim, sobre a Terra
Sonhei; por que, pois, calá-lo?
Um sonho que não se acabou,
E que recomecei aqui.

J. MÉRY.



II - Poesia Espírita

A PRECE DA MORTE PARA OS MORTOS

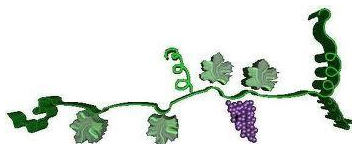
(Sociedade de Paris, 13 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

Os séculos rolaram no abismo dos tempos
Sem piedade, flores e frutos, frios invernos, doces primaveras,
E a morte passou sem bater à porta
Que escondia o tesouro que em segredo ela guarda;
A vida! Ó morte! a mão que dirige tua mão
Deixa de ter ferido, não pode ela amanhã
Suspender um pouco seus golpes? Tua fome mal saciada
Quer ainda perturbar o banquete da vida?
Mas, se vens sem cessar, a qualquer hora do dia
Procurar entre nós os mortos para povoar tua morada,
O universo é muito pouco para os teus profundos abismos,
Onde teu sorvedouro é sem fundo para tuas pobres vítimas.
Ó morte! vês chorar a virgem sem chorar,
E tu secas as flores que devem enfeitá-la,
Sem permitir à sua frente cingir a coroa
De rosas e de lírios que seu esposo lhe dá.
Ó morte! não ouves os gritos da pobre criança,
E vens sem piedade feri-la ao nascer,
Sem permitir aos seus olhos conhecer a mãe
Que lhe dá o céu em lhe dando a terra.
Ó morte! não ouves os votos desse velho
Implorando o favor, na hora da partida,
E de abraçar seu filho e bendizer sua filha,

Para dormir mais rápido e morrer mais tranquilo.
Mas, cruel! digo eu, em que se tornam os mortos
Que deixam nossa margem e se vão para as tuas bordas?
Sofrerão sempre as dores da Terra
Nessa eternidade dos tempos, e a prece
Não poderia ao menos adoçá-las um dia?
E a morte respondeu: Nessa sombria morada
Onde, livre, fixei meu tenebroso império,
A prece é poderosa e é Deus quem a inspira
A meus súditos, a mim. Quando retorno, à tarde,
Sobre meu trono sangrento pomposamente me assento,
Olho os céus e sou a primeira
A recitar muito baixo para os meus mortos a prece.
Escuta, filho, escuta: "Ó Deus, Deus todo-poderoso,
Do alto dos céus sobre mim, sobre eles, lance em passando
Um olhar de piedade. Que um raio de esperança
Clareie enfim os lugares onde chora o sofrimento.
Faze ver, ó meu Deus! a terra do perdão,
Esse rio sem margem, essa praia sem nome,
A terra dos eleitos, a eterna pátria
Onde crias para todos uma eterna vida;
Faze com que cada um de nós, diante de tua vontade,
Se incline com respeito, diante da majestade
De teus secretos desígnios, se prosterne e adore;
Diante de teu nome se curve e se levante ainda,
Exclamando: Senhor! Se me haveis banido
Da morada dos vivos, se me haveis punido
Na morada dos mortos, diante de vós eu confesso
Ter merecido mais; feri, feri sem cessar,
Senhor, eu sofrerei sem jamais murmurar,
E meus olhos não poderão jamais bastante chorar
Para lavar do passado a inapagável mancha
Que sempre no presente vergonhosamente se aplica.

Sofrerei vossos golpes, levarei a minha cruz
Sem maldizer um único dia as vossas eqüitativas leis,
E quando julgardes minha prova acabada,
Senhor, se retornardes à minha sombra pálida
Os bens que perdeu em seu cativeiro,
A brisa, o sol, o ar puro, a liberdade,
O repouso e a paz, diante de vós eu me obrigo
A pedir ao meu turno, sobre minha nova margem,
Para meus irmãos curvados sob o penoso peso dos ferros
Que os retêm cravados no fundo de seus infernos;
Por suas sombras em prantos, às bordas da outra margem,
Mudas, olhando a minha fugitiva
Fugir em lhes dizendo: Coragem, meus amigos,
Realizarei nos céus o que aqui prometi."

CASIMIR DELAVIGNE.



III - Poesia Espírita

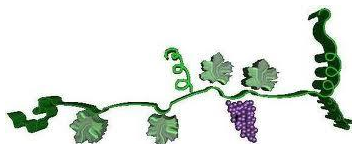
A PRECE PARA OS ESPÍRITOS

(Sociedade de Paris, 4 de maio de 1866. - Médiun Sr. V...)

Estou verdadeiramente tocado por te ver, caro filho,
Às minhas ordens submetido, orar em me evocando,
E reprovar altivamente a lógica enganosa
E os vãos argumentos de uma seita orgulhosa,
Que pretende que o Espírito cumpra um dever
Vindo ao teu impulso, muito feliz de poder,
Sofrendo tua lei, fugir e deixar mais depressa
A morada aborrecida do mundo que habita,
Para voar, enfim, para essas margens sem bordas,
Que não entristecem mais a sombra e os lamentos dos mortos.
Estão ali as grandes palavras e as frases pomposas.
Mas se vêm revelar as belezas maravilhosas
Dos mundos desconhecidos, abrir os horizontes
Dos tempos, e te ensinar, em longas lições,
O princípio e o fim de tua alma imortal,
A grandeza de teu Deus, seu poder eterno,
Sua justiça infinita e seu sublime amor,
Nobre zombador, seja franco: Dirás tu que, em retorno,
Se te pede um dia uma curta prece,
Ele é muito exigente, quando, freqüentemente, sobre a Terra,
Para ter ou pagar um medíocre favor,
Se te vê, suplicante, pisar todo pudor,
E mendigar por muito tempo, como um pobre mendigo,

Suspirando, o pão que deve nutrir sua vida?
Oh! creia-me, caro filho, infeliz,! três vezes infeliz!
Àquele que sempre, esquecendo a dor
E as lágrimas de sangue desse mundo invisível,
Escutando nossas vozes fique ainda insensível,
E não vem de joelhos
Orar a seu Deus por nós.

CASIMIR DELAVIGNE.



IV - Poesia Espírita

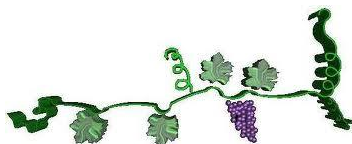
PARA O TEU LIVRO

(Sociedade de Paris, 11 de maio de 1866. - Médium, Sr. V...)

Logo, criança, vais deixar
Este humilde teto que te viu nascer,
Para correr o mundo, afrontar
Seus perigos, e morrer talvez
Sem ter podido tocar ao porto.
Como outrora, escuta ainda
A voz que guia tua jovem idade.
Ah! meu filho, sobre teu caminho,
Muito freqüentemente, a sarça orgulhosa
Rasgará a branca mão,
E seu espinho venenoso
Fará coxear teu pé contundido,
Mais de uma vez, na pedreira.
Não importa! Será preciso, longe daqui,
Seguir a estrela que te ilumina,
E caminhar sempre avante;
Não lamentar a pátria,
Tua aldeia, teu lar ausente,
E morrer sem chorar tua vida,
Se a deveses perder um dia,
Pregando a todos por doutrina
A fé, a caridade, o amor,
Únicos deveres de tua lei divina;

Arrancando por toda a parte o orgulho,
O falso saber e o egoísmo
Que se estendem, como um lençol,
Sobre o berço do Espiritismo;
Repetindo o que a voz
De todos esses mundos invisíveis
Parece te revelar às vezes
Nos murmúrios indizíveis;
Queixando-se de um século grosseiro,
Que juntará o insulto à injúria
Quando te chamar feiticeiro,
Ou ledor de sorte;
Perdoando-lhe seu desprezo;
Tentando, pela prece,
Alinhar seus numerosos amigos
Sob tua humilde e santa bandeira.
Eu disse: Parte, meu filho, adeus;
Tua tarefa é pesada e difícil,
Mas crê e espera em teu Deus,
E tá tornará mais fácil.

UM ESPÍRITO POETA



V - Poesia Espírita

LEMBRANÇA

(Sociedade de Paris, 20 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur)

Duas crianças, a irmã e o irmão,
 Entraram juntos na cabana
 Numa noite de verão. Já a noite,
 Em passo lento, avançava sem ruído,
 Atrás deles, branca e vaporosa
 Como uma sombra misteriosa.
 O pássaro dormia no fundo das florestas,
 E o vento norte deslizava sem voz;
 Tudo sonhava num doce mistério.
 A irmã disse, baixinho, ao seu irmão:
 Irmão, tenho medo; não ouves
 Um sino chorar lá embaixo?
 É o lúgubre e triste dobrar
 De um defunto. - Não tremas,
 Irmã, disse o irmão, é uma alma
 Que foge da Terra e que reclama
 Uma prece, para pagar
 Seu lugar no eterno lar.
 Vamos, irmã, orar na Igreja
 Sobre a laje empoeirada e sombria
 Onde se nos viu, um dia de luto,
 Ambos de trás de um longo caixão
 Onde dormia nossa pobre mãe.

Vamos orar pelos mortos, irmã;
Isto nos trará felicidade.
Vamos, vamos! - E irmã e irmão,
Uma lágrima sobre a pálpebra,
Ambos se dando as mãos,
Tomam o estreito e verde caminho
Que leva à velha igreja.
Uma segunda vez o vento norte
Trouxe-lhes o triste adeus
Do defunto procurando seu Deus,
E o sino cessou o seu lamento;
E mudos e trementes de medo
Nossas duas crianças silenciosas
Caminham olhando os céus.
Chegados ao limiar da igreja
Viram uma mulher sentada
À sombra da triste coluna
Que mantinha a grande pia.
Os pés nus, a face velada,
Pálida, louca e descabelada,
Ela exclamava: Ó meu Deus!
Ó vós a quem se adora em todo lugar.
Em todos os tempos, por toda a parte, na Terra
Como no céu, uma pobre mãe
Trememente, aos pés de vosso altar,
Diante de vossos desígnios eternos,
Ousa apenas, em vossa presença,
Se lamentar e narrar seu sofrimento.
Senhor! Eu não tinha senão um filho,
Um só; era róseo e branco
Como um branco raio que colore
Uma fresca manhã em sua aurora.
O espelho de seus grandes olhos azuis

Refletia o azul de vossos céus,
E em sua boca um doce sorriso
Parecia se colocar e me dizer:
Não chores mais em teu lar;
É que Deus vem de me enviar.
Vê, a tempestade está dissipada, mãe;
O céu está sem nuvem; espera!
E eu esperei. Mas, pobre criança,
Tu te enganavas em me enganando.
Quando o vento sopra sobre a praia
E destrói tudo em sua passagem,
Não deixando senão alguns caniços
Para chorar nas margens de suas águas...
E quando a morte bate à porta
De um lar, ela entra e leva
Tudo! tudo!... Não deixando em seu limiar
Senão um lençol negro para esconder seu luto.
Eu sabia, no entanto, que um belo sonho,
Se começa na manhã, termina
Uma noite neste mundo; que a noite,
Ciumenta do sol que brilha,
E que faz empalidecer sua triste sombra
Estende logo um véu sombrio
Para obscurecer seus mil fogos
E velá-lo a todos os olhos.
Sim, eu o sabia; mas a mãe
Ignora tudo; quando ela espera,
A pobre mãe crê em tudo;
Por um filho, na felicidade, sobretudo.
Eu tinha sofrido toda a minha vida,
Não podia sem loucura
Esperar um dia de felicidade?
E o foi de outro modo! Senhor,

Que a vossa vontade seja feita!
Só, neste humilde refúgio,
Onde vi morrer um esposo,
Onde, pálida e tremente, de joelhos,
Recebo o adeus de um pai,
Onde retirais à mãe
Sua última esperança, seu filho.
Diante de seu carrasco triunfante,
A morte que contempla sua presa
Com um sorriso de alegria,
Senhor! peço à mão
Que fere todos os meus, amanhã
De não poupar a mãe
Pedindo seu filho à terra.
O sino, uma última vez,
A estas palavras, fez falar sua voz.
A alma da criança sobre a terra
Voltava para consolar a mãe
Em lhe dizendo: Eu estou nos céus!
Quando irmã e irmão, preocupados
Saíram da velha igreja,
A mulher estava ainda sentada

JEAN.